

# O Livro de Daniel - Número cinquenta e quatro

## *Desvendando os últimos dias: a busca de Daniel por entendimento*

Jeff Pippenger

2024-01-18

Encerramos um artigo recente com uma passagem de Profetas e Reis, em que a irmã White afirmou que Daniel buscava "compreender a relação entre o cativo de setenta anos, conforme predito por Jeremias, e os dois mil e trezentos anos que, em visão, ele ouviu o visitante celestial declarar que deveriam decorrer antes da purificação do santuário de Deus."

Por meio de outra visão, mais luz foi lançada sobre os acontecimentos do futuro; e foi ao término dessa visão que Daniel ouviu "um santo falando, e outro santo disse àquele santo que falava: Até quando durará a visão?" Daniel 8:13. A resposta que foi dada, "Até dois mil e trezentos dias; então o santuário será purificado" (verso 14), encheu-o de perplexidade. Ele buscou ardentemente o significado da visão. Não conseguia entender a relação entre o cativo de setenta anos, como predito por Jeremias, e os dois mil e trezentos anos que, em visão, ele ouviu o visitante celestial declarar que deveriam decorrer antes da purificação do santuário de Deus. O anjo Gabriel deu-lhe uma interpretação parcial; contudo, quando o profeta ouviu as palavras: "A visão ... será para muitos dias", ele desmaiou. "Eu, Daniel, desmaiei", registra ele de sua experiência, "e estive doente por alguns dias; depois me levantei e tratei dos negócios do rei; e fiquei atônito com a visão, mas ninguém a entendeu." Versos 26, 27. Profetas e Reis, 553, 554.

Os mileritas nunca chegaram a uma compreensão completa da mensagem fundamental que proclamavam. Quando chegou o tempo em que o Leão da tribo de Judá procurou fornecer mais informações sobre os "sete tempos", eles entraram na experiência laodiceana e, sete anos depois, rejeitaram por completo a luz dos "sete tempos". Eles nunca viram a relação plena entre os setenta anos e os dois mil e trezentos anos, que Daniel havia diligentemente buscado compreender. Daniel representa o povo de Deus dos últimos dias.

A terra gozando os seus sábados é a parte da aliança que foi dada ao antigo Israel, a qual incluía a luz do descanso da terra a cada sétimo ano. Essa aliança incluía o ciclo de sete anos repetido sete vezes. Incluía a libertação e restauração de propriedades e de escravos na conclusão, no término, dos sete ciclos de sete anos (quarenta e nove anos), durante a celebração conhecida como o jubileu. Os judeus foram desobedientes a esses princípios da aliança, e 2 Crônicas identificou que os setenta anos de cativo, mencionados pelo profeta Jeremias, representavam quatrocentos e noventa anos anteriores de rebelião. Em quatrocentos e noventa anos, se o antigo Israel tivesse obedecido às instruções dentro da aliança, conforme estabelecido em Levítico vinte e cinco, teria havido um total de setenta desses anos em que a terra teria descansado. Um ano bíblico é de trezentos e sessenta dias, e trezentos e sessenta dias multiplicados por sete ("sete vezes") equivalem a dois mil quinhentos e vinte dias.

Os setenta anos estão absolutamente ligados ao repouso da terra, que está absolutamente ligado aos "sete tempos". Daniel estava buscando "compreender a relação" entre "o cativeiro de setenta anos" e "os dois mil e trezentos anos" "antes da purificação do santuário de Deus". Portanto, ele buscava compreender a relação entre a visão "chazon" e a visão "mareh". É impossível compreender essa relação sem reconhecer o repouso da terra em Levítico vinte e cinco e vinte e seis, juntamente com o cativeiro de setenta anos de que falou Jeremias. Se você não crê que os "sete tempos" representam um período profético de dois mil quinhentos e vinte anos, você se exclui de ser daqueles representados por Daniel nos últimos dias. Os mileritas criam que os "sete tempos" eram uma profecia de tempo, mas o adventismo já não crê.

Daniel, assim como todos os profetas, ilustra o povo de Deus no fim do mundo, e os comentários da irmã White sobre o desejo dele de entender a relação entre os setenta anos (os 'sete tempos') e os dois mil e trezentos anos representam o desejo que o povo de Deus dos últimos dias deve possuir. Como foi afirmado em artigos anteriores, não há verdades representadas nos quadros de 1843 e 1850 que não sejam diretamente (repetidamente) apoiadas nos escritos da irmã White.

As joias de Miller brilharão dez vezes mais no Clamor da Meia-Noite dos últimos dias e, com isso, as joias representam a prova final para as virgens do Adventismo. Essas joias são as verdades fundamentais representadas nas tábuas de Habacuque, e são também as joias na caixa que foram colocadas sobre uma mesa no meio do quarto de Miller. A prova fundamental é a prova final, mas também o é a autoridade do Espírito de Profecia. Rejeitar as verdades fundamentais, que foram tipificadas como joias no sonho de Miller, é rejeitar simultaneamente o Espírito de Profecia.

O derradeiro engano de Satanás será tornar sem efeito o testemunho do Espírito de Deus. "Onde não há visão, o povo perece" (Provérbios 29:18). Satanás trabalhará engenhosamente, de diferentes maneiras e por meio de diferentes agentes, para abalar a confiança do povo remanescente de Deus no verdadeiro testemunho. Ele introduzirá visões espúrias para enganar e misturará o falso com o verdadeiro, de modo a causar tal repulsa nas pessoas que elas considerarão tudo o que leva o nome de visões como uma espécie de fanatismo; mas almas honestas, ao contrastarem o falso e o verdadeiro, poderão distinguir entre ambos. Mensagens Seleccionadas, volume 2, 78.

Estamos agora abordando o aumento do conhecimento que ocorreu na história dos mileritas, de 1798 até 1844, mas estamos identificando que, embora os mileritas estivessem corretos em suas aplicações proféticas, foram limitados pela história na qual surgiram. Agora estamos nos últimos dias e na geração final (a quarta) do Adventismo. Nesse período, o Adventismo foi tão doutrinado com tradições e costumes (joias contrafeitas) que já não sabe quais eram as verdades fundamentais. Não saber quais são essas verdades impede o Adventismo de entender o significado dessas verdades e torna sem sentido as repetidas ordens para proteger e preservar essas verdades.

Antes de prosseguirmos mais na interpretação de Gabriel da visão do rio Ulai, abordaremos alguns pontos relevantes relacionados com as verdades fundamentais e a autoridade do Espírito de Profecia. Os teólogos modernos argumentam que a passagem a seguir identifica que a mais longa profecia de tempo na Bíblia é a dos dois mil e trezentos anos.

A experiência dos discípulos que pregavam o 'evangelho do reino' no primeiro advento de Cristo teve seu paralelo na experiência daqueles que proclamaram a mensagem de Seu segundo advento. Assim como os discípulos saíram pregando: 'Cumpriu-se o tempo, e o reino de Deus está próximo', também Miller e seus associados proclamaram que o mais longo e último período profético apresentado na Bíblia estava prestes a expirar, que o juízo estava às portas e que o reino eterno estava para ser instaurado. A pregação dos discípulos quanto ao tempo baseava-se nas setenta semanas de Daniel 9. A mensagem dada por Miller e seus associados anunciava o término dos 2300 dias de Daniel 8:14, dos quais as setenta semanas fazem parte. A pregação de cada um se baseava no cumprimento de uma porção diferente do mesmo grande período profético.

Como os primeiros discípulos, William Miller e seus associados não compreenderam plenamente, eles mesmos, o alcance da mensagem que traziam. Erros há muito estabelecidos na igreja os impediram de chegar a uma interpretação correta de um ponto importante da profecia. Portanto, embora proclamassem a mensagem que Deus lhes havia confiado para ser dada ao mundo, sofreram decepção por uma compreensão equivocada de seu significado. O Grande Conflito, 351.

A passagem diz que: "Miller e seus associados proclamaram que o mais longo e último período profético apresentado na Bíblia estava prestes a expirar", e os teólogos afirmam que o mais longo e último período profético é o de dois mil e trezentos anos. Afirmam ainda que é isso que a Irmã White está identificando na passagem, pois ela, dizem eles, está tratando diretamente do período de dois mil e trezentos anos. Eles são cegos a qualquer relação entre os setenta anos e o período de dois mil e trezentos anos. São cegos à luz que Daniel buscava compreender.

Ellen White era milerita e conhecia as mensagens que haviam sido apresentadas na tabela pioneira de 1843 e na tabela pioneira de 1850, que foi publicada por F. D. Nichols. A tabela de 1850, que foi produzida por Nichols, foi preparada na casa de Nichol exatamente na época em que James e Ellen White estavam morando com Nichols. O mais longo período profético na Bíblia, que está representado em ambas as tabelas, não é o de dois mil e trezentos anos; é o das "sete vezes", de Levítico vinte e seis.

Afirmar que a passagem anterior é uma identificação inspirada dos dois mil e trezentos anos como o mais longo e último período profético é fazer com que os escritos da Irmã White se contradigam. Se ela acreditava no que os teólogos afirmam sobre essa passagem, então o que significa quando ela endossa os quadros que defendem os "sete tempos"?

“Vi que o quadro de 1843 foi dirigido pela mão do Senhor, e que não deveria ser alterado; que os algarismos eram como Ele os queria; que Sua mão estava sobre eles e ocultou um erro em alguns dos algarismos, de modo que ninguém o pudesse ver, até que Sua mão fosse retirada.”  
Primeiros Escritos, 74.

Os que desejam sustentar suas tradições e fábulas poderiam argumentar que, no quadro de 1843, o Senhor manteve Sua mão sobre o erro dos "sete tempos", até que retirou Sua mão em data posterior. O problema com essa premissa é que a Irmã White identificou quando o Senhor retirou Sua mão dos cálculos; Sua mão foi retirada antes de 22 de outubro de 1844, logo após o primeiro

desapontamento. Em seu testemunho sobre esse evento, ela identifica o erro que foi corrigido, e fica claro que o erro não estava nos "sete tempos".

"Aqueles fiéis, desapontados, que não podiam entender por que seu Senhor não viera, não foram deixados em trevas. Novamente foram levados às suas Bíblias para pesquisar os períodos proféticos. A mão do Senhor foi removida das figuras, e o erro foi explicado. Viram que os períodos proféticos se estendiam até 1844 e que as mesmas evidências que haviam apresentado para mostrar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 provavam que terminariam em 1844." Primeiros Escritos, 237.

Quando a mão do Senhor "foi retirada das cifras, e o erro foi explicado", eles então reconheceram "que as mesmas evidências que haviam apresentado para mostrar que os períodos proféticos se encerravam em 1843 provavam que terminariam em 1844". Os períodos proféticos que a princípio se pensava que se encerrariam em 1843 estão representados no quadro de 1843, que é o quadro que cada um dos trezentos pregadores mileritas usou. Os períodos proféticos que estão representados naquele quadro e que se encerravam em 1843 eram os dois mil e trezentos anos de Daniel, capítulo oito, verso quatorze; os dois mil quinhentos e vinte anos de Levítico vinte e seis; e os mil trezentos e trinta e cinco anos de Daniel doze. Após a primeira decepção, o Senhor removeu Sua mão do erro, e os mileritas então reconheceram que as mesmas evidências que identificavam o fechamento dos períodos proféticos em 1843, na verdade provavam que esses períodos terminaram em 1844.

O quadro de 1850 foi produzido em 1850 e foi colocado à venda em janeiro de 1851. Ellen White registrou que o quadro também foi um cumprimento de Habacuque, como ela também havia registrado a respeito do quadro de 1843. Aquele quadro também representava o mais longo período profético, os "sete tempos" de Levítico 26.

"Vi que Deus estava na publicação do quadro pelo irmão Nichols. Vi que havia uma profecia deste quadro na Bíblia, e, se este quadro é destinado ao povo de Deus, se ele é suficiente para um, é-o para outro; e, se um necessitava de um novo quadro pintado em escala maior, todos o necessitam exatamente na mesma medida." Manuscript Releases, volume 13, 359.

Afirmar que a referência da Irmã White ao fato de que os mileritas "proclamaram que o mais longo e último período profético apresentado na Bíblia estava prestes a expirar" é correta, pois eles o fizeram. Afirmar que o "período profético" "mais longo" é o de dois mil e trezentos anos volta o testemunho da Irmã White contra si mesmo e contra o registro histórico. Crer nessa fábula é crer numa mentira e, nos últimos dias, os que escolhem crer numa mentira o fazem porque não amam a verdade.

Jesus não Se anestesiou milagrosamente com algum tipo de anestesia divina para suportar o sofrimento da cruz. Jesus experimentou um sofrimento divino, muito além do que qualquer criatura Sua poderia suportar. Contudo, a humanidade foi criada à Sua imagem, e a inspiração indica que a humanidade deve vencer como Ele venceu. O que permitiu que Cristo suportasse o sofrimento da cruz foi um atributo que Ele possuía, o qual a humanidade também possui.

Olhando para Jesus, o autor e consumidor da nossa fé; o qual, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando a vergonha, e está assentado à direita do trono de Deus.

Hebreus 12:1.

Jesus suportou os sofrimentos da cruz, porque tinha um objetivo que lhe estava proposto, e nós fomos criados à sua imagem e, como tal, somos seres motivados por objetivos. Isso faz parte de como fomos feitos. Se fomos levados a crer que não é importante compreender os fundamentos do Adventismo, não teremos motivação para fazer precisamente isso. A única motivação divina que o Espírito Santo pode despertar para superar essa condição laodiceana é o amor à verdade. O amor à verdade será posto à prova pela disponibilidade de costumes e tradições fáceis, destinados a aliviar a nossa coceira nos ouvidos. Se, em nosso conforto laodiceano, não tivermos desejo de compreender a verdade por nós mesmos, estaremos perdidos. É aqui que o Adventismo se encontra hoje.

Daniel é um exemplo do povo de Deus nos últimos dias que, por meio da palavra profética, procuram compreender a relação entre o cativo de setenta anos e a profecia dos dois mil e trezentos anos. Identificar a profecia dos dois mil e trezentos anos como o mais longo e último período profético é rejeitar as verdades fundamentais do Adventismo e, ao mesmo tempo, rejeitar a autoridade do Espírito de Profecia. Afirmar que, quando os mileritas apresentaram o mais longo e último período profético, tratava-se dos dois mil e trezentos anos é rejeitar o registro histórico.

“Nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que nos esqueçamos do caminho pelo qual o Senhor nos tem guiado, e do Seu ensino em nossa história passada.” *Life Sketches*, 196.

Gabriel veio dar a Daniel compreensão das visões "march" e "chazon", e ele instruiu Daniel a separar mentalmente as duas visões, embora obviamente tivessem uma relação profética. A visão incluía os reinos da profecia bíblica nos capítulos sete e oito, que eram uma repetição e ampliação desses mesmos reinos no capítulo dois. As informações incluíam o diálogo celestial que apresentava uma das visões como o pisoteamento do santuário de Deus e do seu povo, e a outra como a obra de restaurar o povo e o santuário.

À medida que Gabriel apresentava a interpretação, que, em última instância, se tornou o cerne da mensagem proclamada pelos mileritas, havia uma relação entre as duas visões, a qual deve ser observada por aqueles que obedecem à ordem de separar mentalmente a interpretação. Uma das distinções é representada por duas palavras que são ambas traduzidas como “determinadas”.

Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa, para pôr fim à transgressão, dar fim aos pecados, fazer expiação pela iniquidade, introduzir a justiça eterna, selar a visão e a profecia, e ungir o Santíssimo. Sabe, portanto, e entende: desde a saída da ordem para restaurar e edificar Jerusalém até o Messias, o Príncipe, haverá sete semanas, e sessenta e duas semanas; a praça e o muro serão reconstruídos, mesmo em tempos difíceis. E, depois das sessenta e duas semanas, o Messias será eliminado, mas não por si mesmo; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário; o seu fim será como um dilúvio, e até o fim da guerra estão determinadas desolações. Ele confirmará uma aliança com muitos por uma semana; e, no meio da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta; e, por causa da disseminação das abominações, a tornará desolada, até a consumação; e o que está determinado será derramado sobre o desolado. Daniel 9:24-27.

Setenta semanas (quatrocentos e noventa anos) estão determinadas sobre o povo e a cidade santa. A palavra traduzida por “determinadas” significa “cortadas”, e o termo identifica um período ou provação para os judeus e Jerusalém. Representava também o período de rebelião que trouxe a destruição de Jerusalém e o cativeiro de setenta anos. Os quatrocentos e noventa anos foram então “determinados”, começando no terceiro decreto. Os primeiros quatrocentos e noventa anos de rebelião acarretaram os três ataques de Nabucodonosor, a destruição definitiva de Jerusalém e a dispersão e o cativeiro de setenta anos do Israel literal na Babilônia literal.

O primeiro decreto marcou o fim do cativeiro e o início da obra de reconstrução de Jerusalém. O terceiro decreto marcou o início dos dois mil e trezentos anos. A chegada do primeiro anjo marcou o fim do cativeiro de Israel espiritual na Babilônia espiritual por mil duzentos e sessenta anos, e marcou o início de um período de quarenta e seis anos, quando Cristo usou os mileritas para sair do cativeiro e erguer um templo espiritual.

A palavra que é traduzida duas vezes como "determinado" nos versículos vinte e seis e vinte e sete é "charats" e significa "ferir" e "um decreto". Foi profeticamente "decretado" que o papado receberia uma "ferida" mortal, no fim da primeira indignação. É a mesma palavra que Daniel usa no capítulo onze, versículo trinta e seis.

E o rei fará conforme a sua vontade; e se exaltará, e se engrandecerá acima de todo deus, e falará coisas maravilhosas contra o Deus dos deuses, e prosperará até que se cumpra a indignação; porque aquilo que está determinado será feito. Daniel 11:36.

No versículo trinta e seis, "o rei" é o papado. O papado havia de prosperar até 1798, quando recebeu sua ferida mortal. Então a primeira "indignação" havia de "cumprir-se", pois essa "indignação" havia sido "determinada" (decretada) para "ser realizada". No fim da primeira indignação contra o reino do norte de Israel, que começou em 723 a.C. e terminou em 1798, o papado recebeu uma "ferida mortal". A palavra "determined" significa "ferida".

E vi uma de suas cabeças como se estivesse ferida de morte; e a sua ferida mortal foi curada: e toda a terra se maravilhou após a besta. Apocalipse 13:3.

O quadro profético dos mileritas baseava-se em dois poderes desoladores: o paganismo, seguido do papalismo. Eles entendiam que esses dois poderes haviam de calcar aos pés o santuário e a hoste, conforme representado pela visão "chazon" de Daniel, capítulo oito, versículo treze.

Então ouvi um santo que falava; e outro santo disse àquele certo santo que falava: Até quando durará a visão acerca do sacrifício diário e da transgressão assoladora, para que o santuário e o exército sejam entregues, a fim de serem pisados aos pés? Daniel 8:13.

O poder papal desolador haveria de calcar aos pés o santuário e o exército por mil duzentos e sessenta anos.

Mas o átrio exterior do templo, deixa-o de fora e não o meças; pois foi dado aos gentios; e a cidade santa será pisada pelos gentios durante quarenta e dois meses. E darei poder às minhas duas testemunhas, e elas profetizarão mil duzentos e sessenta dias, vestidas de pano de saco. Apocalipse 11:2, 3.

No fim da primeira indignação, em 1798, a profecia havia determinado “ferir” o papado. Em Daniel nove, essa determinação é representada nos dois últimos versículos, e a palavra traduzida duas vezes como “determinado” nesses versículos está associada à visão “chazon”, ao passo que a palavra traduzida como “determinado” no versículo vinte e quatro é uma palavra hebraica diferente e está associada à visão “mareh”. Daniel, representando o povo de Deus dos últimos dias, buscava compreender a relação entre essas duas visões, que Gabriel lhe dissera para separar mentalmente.

Continuaremos este assunto no próximo artigo.

"Deus não está nos dando uma nova mensagem. Devemos proclamar a mensagem que, em 1843 e 1844, nos tirou das outras igrejas." Review and Herald, 19 de janeiro de 1905.